

ANTÓNIO TORRADO

ZACA ZACA



rolim

PALCO

- ALMA, de Mário de Sá-Carneiro e Ponce de Leão
Nota introdutória de Luiz Francisco Rebello
- D. JOÃO NO JARDIM DAS DELÍCIAS, de Norberto Ávila
Menção Honrosa do Prémio Nacional de Teatro, 1986
- ZACA ZACA, de António Torrado
Menção Honrosa do Prémio Nacional de Teatro para a Infância e Juventude, 1986

A publicar:

- O PRÍNCIPE IMPERFEITO, de Clara Pinto Correia
- TRILOGIA PORTUGUESA, de Miguel Rovisco
Prémio Nacional de Teatro, 1986

TIRAGEM
VERIFICADA

000262

TÍTULO — ZACA ZACA
AUTOR — António Torrado
COLECCÃO PALCO N.º 3
DIRECCÃO DE COLECCÃO — Sara Góis
CAPA — Graça Martins
FOTOGRAFIA DO AUTOR: Vítor Simões
TIRAGEM — 2000 exs.

© edições rolim

Apartado 3079

1302 Lisboa Codex

N.º 3 — Abril de 1987

ANTÓNIO TORRADO

ULFLOMOSUOS

ZACA ZACA

comédia musicável
em dois actos e um final



rolim

ZACA ZACA
comédia musicável
em dois actos e um final

PERSONAGENS *

ESTALAJADEIRA FELISBELA BELDROEGA, cinquenta anos.

TIBÚRCIO AVENTINO DESLUMBRANTE, ventríloquo e poeta — quarenta anos.

BERINJELA, criada da estalagem — quinze anos.

SERAFIM, funâmbulo e pelotiqueiro — vinte e poucos anos.

EMISSÁRIO ASIÁTICO, presumivelmente javanês — idade indefinível.

CRIADO DO EMISSÁRIO, por igual exótico — idade indefinível.

ORANGOTANGO — figurino (máscara e encorpamento) de inquestionável configuração macacoide.

* De notar que as 14 personagens podem, por desdobramento de desempenhos, coincidir com um elenco de nove intérpretes. *Exemplifica-se*: Estalajadeira (1.º acto) → Aldegundes (2.º acto); Emissário e Criado do Emissário (1.º acto) → respectivamente, Cabeleireiro e Ajudante (2.º acto, 1.º quadro) e os dois guardas (2.º acto, 3.º quadro).

ESPECTADOR ACTUAL — adulto, não importa de que idade, trajado vulgarmente.

CABELEIREIRO DO REI — quarenta a cinquenta anos.

AJUDANTE DE CABELEIREIRO DO REI — vinte e poucos anos.

ALDEGUNDES, princesa — quarenta e tal anos.

REI — trinta e tal anos.

DOIS GUARDAS

A acção decorre num impreciso reino do continente europeu, pelos meados do século 18.

1.º ACTO

ACTO ÚNICO

ESTALA DE ALGUMAS MELANCIAS (placemada do mercado)
Barragem grande (O Barbaque) Barbaque de...
Quilómetros Barbaque Barbaque de...
O Barbaque

VOZ PRADO DA ESTALAGEM DA ESTALAGEM PRADO
PRADO PRADO A PRADO DA ESTALAGEM PRADO
PRADO PRADO

QUADRO ÚNICO

Numa estalagem do século 18. Porta e janela para a estrada. Porta para a cozinha. Eventualmente, escada interior de acesso a cômodos, no andar de cima. Mobília rudimentar: balcão, mesas, bancos, armário para loiça. Pratos em algumas mesas.

Cena vazia.

ESTALAJADEIRA BELDROEGA (*chamando da cozinha*):
Berinjela! (*pausa*) Ó Berinjela. Be rin je la... (*pausa*) Be-
rinjela. (*pausa*) Berinjela! Raios partam a rapariga!
Ó Berinjela.

VOZ VINDO DA ENTRADA DA ESTALAGEM (*No ex-
tremo oposto à porta da cozinha. A voz um pouco em
falsete*): Senhora... Já vou indo.

(*A Estalajadeira Beldroega sai da cozinha, lim-
pando as mãos ao avental e falando. Nessa mesma
ocasião, assoma à porta da estalagem o ventríloquo
Tibúrcio Aventino Deslumbrante.*)

ESTALAJADEIRA: Ó rapariga, francamente, estou farta de chamar. Queria que tu me... (*Suspende-se, vendo o homem.*) Onde é que ela se meteu?

TIBÚRCIO: Quem?

ESTALAJADEIRA: Quem havia de ser? A rapariga. Ainda agora daí falou...

Tibúrcio encolhe os ombros. Desfrutador. A Estalajadeira vai à porta da estalagem e olha para fora.

ESTALAJADEIRA: Vocemecê não a viu?

TIBÚRCIO: Mas quem?

ESTALAJADEIRA: A rapariga, homem de Deus. Ainda agora estava aqui...

TIBÚRCIO: Tem a certeza? Olhe que nem sempre o que parece é. Nem sempre o que é, parece.

ESTALAJADEIRA (*vindo da porta da estalagem*): Que está para aí a dizer? Não me azoïne com conversas, que eu hoje acordei para o lado errado. (*Noutro tom, inquieta:*) Ou não estarei eu a regular bem da cabeça?

TIBÚRCIO (undoso e sibilante): Nem sempre o que mais parece / não regular da cabeça / é aquilo que parece, / por mais que muito pareça. / Nem sempre o que parece é. Nem sempre o que é parece.

ESTALAJADEIRA: Querem lá ver que o raio do homem engoliu uma serpente?! Não sabe falar com outros modos? Mas afinal quem é vocemecê? O que é que quer desta casa?

TIBÚRCIO (sentando-se): Quero sentar-me e abancar ou isto não é uma estalagem de porta aberta? Onde é que se viu um hóspede, mal chegado, ser atendido desta maneira? Chame a patroa.

ESTALAJADEIRA: A patroa sou eu. A estalagem é minha. *(Em tom mais convivente)* Mas isto é uma casa de gente simples, há-de entender. Não estamos habituados a salamaleques. E o senhor o que faz? É pregador? *(Trocista, Tibúrcio rejeita cada uma das hipóteses postas pela Estalajadeira.)* Soldado? Peregrino? Mercador? Correio real? Estrangeiro? Ou não será vocemecê cobrador de impostos, desses que andam a arrancar o dinheiro à gente, só para encher os cofres do rei?

TIBÚRCIO: E se fosse?

ESTALAJADEIRA: Se fosse, comigo estava mal aviado, porque daqui não luzia nada. *(Noutro tom.)* Dizem que o rei é careca e tem para cima de duzentas cabeleiras.

Duzentas, imagine-se. Ora isso de arrancar couro e cabelo aos desgraçados, para que Sua Alteza ande a pentear os caracóis postiços, não contem comigo. Que eu não tenho papas na língua.

TIBÚRCIO (rindo): Nem eu. Isso lhe garanto.

ESTALAJADEIRA: Mas, afinal, onde se meteu a rapariga, que nunca mais vem. (*Chamando:*) Berinjela! (*Sai pela porta da estalagem por onde, há pouco, entrou Tibúrcio.*)

VOZ DE RAPARIGA (off): Estou aqui, senhora dona. Estou aqui.

A habilidade de ventriloquia do Tibúrcio não será difícil de reproduzir, se ele se dispuser junto de painéis ou bastidores donde a voz feminina fala.

ESTALAJADEIRA (voltando para dentro da estalagem): Aqui, onde? (*Pausa.*) Ou eu estou maluca de todo ou eu ouvi a voz da rapariga, que vinha desse canto.

TIBÚRCIO: Talvez.

ESTALAJADEIRA: Está a troçar de mim? Onde é que a escondeu? Vá! Diga.

TIBÚRCIO: Engoli-a.

ESTALAJADEIRA: Como? Engoliu a minha Berinjela?

TIBÚRCIO: Se é coisa de comer, engoli. Eu já engoli uma serpente, / um rei e seus parentes, / duzentas cabeleiras, / milhares de descontentes, / um largo rio de gente, / e mais os afluentes, / também posso engolir uma menina à janela, seja Manuela ou Berinjela.

ESTALAJADEIRA: Para essa fome toda não tenho nada que lhe abaste.

TIBÚRCIO: Também comia uns ovos mexidos...

ESTALAJADEIRA (lembrando-se): Ovos! Foi a Berinjela buscá-los. (*Chamando*) Berinjela, Be rin je la!

BERINJELA (assomando à janela, do lado de fora): Senhora, já vinha... Estive a ajudar o Serafim. Coitado, ele, sozinho, não podia com a carga.

ESTALAJADEIRA: Que carga?

BERINJELA (entrando com um cesto no braço): Lenha que ele foi buscar à mata, ao mandado da senhora. Já está toda arrumadinha no telheiro.

ESTALAJADEIRA: E depois?

BERINJELA: Depois ele deu-me esta flor. (*Mostra.*)

ESTALAJADEIRA: E depois?

BERINJELA: Depois a senhora chamou-me.

ESTALAJADEIRA: E depois?

BERINJELA: Depois eu vim.

ESTALAJADEIRA: Só agora? Não estás a mentir-me?

TIBÚRCIO: Vê-se que não. Os olhos da sua filha nada escondem.

ESTALAJADEIRA: Minha filha nunca foi. Achei-a. Achei-a é como quem diz. Foi-me deixada por um cego que cá veio ter. Desamparado, meio tonto... Metia pena.

BERINJELA: Era o meu avô.

TIBÚRCIO: Que lhe aconteceu?

BERINJELA: Não sei.

ESTALAJADEIRA: Desapareceu. Deixou-me a neta a guardar — pequenina que ela era, mal falava — e abalou. Uns carreteiros, que iam para a cidade, levaram-no. Parece que tinham um recado a dar a alguém, coisa de vida ou de morte. Nunca mais voltou. Ainda procurei por ele, mas ninguém me trouxe notícias. Decerto que morreu.

TIBÚRCIO: Os teus pais?

BERINJELA: Não os conheci.

TIBÚRCIO: E chamas-te Berinjela?

BERINJELA: Maria.

ESTALAJADEIRA: Já sei viu uma pessoa chamar-se só Maria? Berinjela tem mais raça.

TIBÚRCIO: À senhora não lhe falta. Como se chama?

ESTALAJADEIRA: Felisbela. Felisbela Beldroega.

TIBÚRCIO: Bonito. Berinjela. Beldroega. (*Noutro tom, voz off, mas como se viesse donde está Tibúrcio:*) Berinjela, vem à janela. Beldroega vai à adega.

ESTALAJADEIRA: Quem chama? (*Aproxima-se de Tibúrcio*) Vocemecê traz gente escondida no saco...

TIBÚRCIO: Querem que eu a acorde? (*Chamando em voz off:*) Berinjela, Beldroega, venham ouvir a sanfona.

BERINJELA: É daqui. Chama daqui. Ele tem vozes cá dentro.

ESTALAJADEIRA: Diabos me levem. Já vi, numa feira, um que cantava a várias vozes.

TIBÚRCIO: Devia ser eu.

ESTALAJADEIRA: Acredito mesmo! O da feira era mais novo. Por sinal, que bem parecido. Não podia ser voce-mecê.

TIBÚRCIO: Obrigado... Há quanto tempo isso foi?

ESTALAJADEIRA: Não faço ideia. Ainda eu usava cole-tinho de moça.

TIBÚRCIO: Moça, por sinal que bem parecida. (*Para a Berinjela, designando a Estalajadeira.*) Acreditas que fosse a mesma?

Berinjela ri-se.

ESTALAJADEIRA: Não me venha dizer que o da feira e vocemecê pertenciam à mesma pessoa. Lembro-me que o da feira até cantava uma coisa assim que metia um canário e mais passarocos...

Tibúrcio pega na sanfona e "interpreta" a duas ou mais vozes. Prefere-se a sanfona, embora se aceite, de recurso, a viola. Este instrumento, a sanfona ou sanfona, agora raro, serviu de acompanhamento melódico aos contadores nômadas, que veicularam a tradição narrativa oral. Melopaica, a sanfona não abafa musicalmente a narração, antes pelo contrário, a faz sobressair.

Admite-se que, a ilustrar a toada cantada/con-tada por Tibúrcio, e depois de criada em palco a atmosfera mágica do contar popular, possa ser projectada, em sincronia, uma sequência mímica filmada ou uma sucessão de ilustrações em slides encadeados. Não é essencial.

A primeira quadra desta toada pertence efectivamente ao nosso romanceiro popular.

TIBÚRCIO (interpretando vozes off):

Certo dia fui à caça
lindo canário apanhei.
Fui levá-lo de presente
à filha do nosso rei.

As aias me atalharam:
"A princesa não recebe."
Levei a prendinha ao rei
que me disse: "Pouca e leve."

Pouca e leve, sim, seria
mas dada com mais respeito
do que o rei a recebia.
Modéstia não é defeito.

Eu a dar-lhe o canarinho
e o canarinho a voar.
Ficou o rei tão danado
que mandou-me aprisionar.

Metido numa gaiola
no alto dum torreão
vinha o rei, vinha a princesa
com miolinhos de pão.

"Se não me canta o canário
pouca vida lhe darei",
isto dizia a ingrata
da filha do nosso rei.

Não sou canário do rei
nem canário de quem for,
o que cantar já cantei
quando eu era caçador.

Quem me dera a mim voltar
aos campos do meu lavor
se antes soubera o que sei
nunca eu fora caçador.

Cotovia na gaiola
pintassilgo, codorniz,
rola, popa, galinhola
perdoai-me o que eu vos fiz.

Famílias de passarinhos
ficaram sem pai nem mãe.
Piam as corvas nos ninhos
dos corvos que lhes levei.

Ó que dores, ó que noitadas
ó que noitadas de dores
passarinhas desoladas
chorando por seus amores.

Cantava eu nestes modos,
no alto do torreão,
e milhares de passarinhos
a mando dum gaveão

a quebrarem-me a gaiola
a salvar-me da prisão
a entrarem pelo palácio
a deitarem tudo ao chão.

Ficam o rei e a princesa
sem músicos para o jantar.
Fiz-me cantor na pobreza,
caçador nem a brincar.

Passarinho na gaiola
mete a viola no saco.
Não cantes para quem te assola.
Canta só livre no mato.

Passarinho na gaiola
de grades entrelaçadas
destrança as grades e voa
e junta-te às chilreadas.

Passarinho na gaiola
das altezas da cidade
diz "não" a quem t'engaiola
e voa para a liberdade.

Às últimas quadras, vai esmorecendo a atmosfera mágica criada para o rimaço e gradualmente retoma-se o ambiente mais prosaico da estalagem.

*Vindo de fora, ruído de vidros que se partem.
Sobressaltam-se os presentes.*

ESTALAJADEIRA: Ouviram? Foi o Serafim. Estafermo de rapaz. Espera, que já te atendo. E de uma vez para sempre. (*Dirige-se à cozinha.*)

BERINJELA (orientando-a): Parece que foi na adega, senhora.



ZACA ZACA foi representada pela primeira vez no palco da Sala Garrett do Teatro Nacional de D. Maria II, em Maio de 1987, numa encenação de Ruy de Matos e com a seguinte distribuição:

Estalajadeira Felisbela Beldroega — Luz Franco; *Tibúrcio Aventino Deslumbrante* — Igor Sampaio; *Berinjela* — Lúcia Maria; *Serafim* — Nuno Franco; *Emissário asiático e Cabeleireiro do Rei* — Luís Bandeira; *Criado do Emissário e Ajudante do Cabeleireiro* — Paulo Oom; *Orangotango* — Carlos Costa; *Espectador actual* — João de Carvalho; *Princesa Aldegundes* — Guida Maria; *Rei* — António Anjos; *Pajens e Guardas* — Rui Luiz Brás e Vítor Teles.

Cenários e Figurinos — Ruy de Matos; *Música* — Maestro Jorge Machado; *Assistência coreográfica* — Lúcia Maria; *Adereços* — José Carlos Barros e Ildeberto Gama; *Execução do Guarda-Roupa* — Emília Lima; *Sonoplastia* — Leonel da Silva e Rui Ferreira; *Fotografias* — Luís Carlos Peixoto; *Mestre Maquinista* — José Palma; *Luminotécnica* — Luis d'Almeida e Mário Andrade; *Contra-Regra* — Manuel Guicho e Carlos Miguel Chaves; *Direcção de cena* — Alberto Vilar; *Programa* — Garizo do Carmo.